

R. J. RUMMEL

**MORTOS
PELO
GOVERNO**

Tradução de
André Morgado

alma
dos
livros

Capítulo Um

169,198 MILHÕES ASSASSINADOS: SUMÁRIOS E CONCLUSÕES

«O poder extirpa gradualmente do espírito todas as virtudes humanas e gentis.»

Edmund Burke, *A Vindication of Natural Society*

«O poder, como desoladora pestilência,
Conspurca tudo o que toca.»

Shelley, *Queen Mab III*

«O poder tende a corromper; o poder absoluto corrompe
absolutamente.»

Lorde Acton, *Letter to Bishop Creighton*

O poder mata; o poder absoluto mata absolutamente. Este novo Princípio do Poder é a mensagem que emerge do meu trabalho anterior, sobre as causas da guerra¹¹, e deste livro, sobre o genocídio e os assassinios em massa governamental – aquilo a que chamo *democídio* – no século xx. Quanto mais poder tem um governo, mais pode agir arbitrariamente de acordo com os caprichos e desejos da elite, mais guerra fará contra outros e mais sujeitos estrangeiros e domésticos matará. Quanto mais limitado, descentralizado, fiscalizado e balanceado for o poder dos governos, menos irá agredir outros e cometer democídio. Nos extremos do Poder¹², os governos totalitários comunistas mataram os seus povos às dezenas de milhões. Em contraste, muitas democracias mal conseguem executar assassinos em série.

Estas afirmações são extremas e categóricas, mas as provas acumuladas aqui e noutros lados também o são. Considere-se primeiro a guerra. A tabela 1.1 mostra a ocorrência de guerra entre nações desde 1816. Nunca houve uma guerra envolvendo ação militar violenta entre

democracias estáveis¹³ (embora tenham combatido, como todos sabemos, não-democracias). A maior parte das guerras deu-se entre não-democracias. De facto, temos aqui um princípio geral que vai ganhando aceitação entre estudantes de relações internacionais e da guerra: *as democracias nunca ou raramente travam guerras entre elas*. A isto acrescento que, quanto *menos* democráticos são dois Estados, *mais* provável é que combatam entre eles.

TABELA 1.1
Guerras entre democracias e não-democracias, 1816–1991

| Díade ^a | Guerras ^b |
|--|----------------------|
| Democracias <i>vs.</i> democracias | 0 |
| Democracias <i>vs.</i> não-democracias | 155 |
| Não-democracias <i>vs.</i> não-democracias | 198 |
| Total | 353 |

^a Democracias estáveis. Exclui-se apenas a guerra entre as efémeras República de França e República de Roma em 1849.

^b Definida como qualquer ação militar em que pelo menos mil pessoas são mortas. De Small e Singer 1976, 1982; estimativas mais recentes do autor.

A beligerância do Poder sem restrições não é uma característica dum pequeno número de democracias nem da nossa era. Por um lado, o número de Estados democráticos, em 1993, é de cerca de 75 ou, tendo em conta 48 territórios relacionados, cerca de um quarto da população mundial.¹⁴ Contudo, não houve guerra – nunca – entre eles. Nem há ameaça de guerra. Criaram um oásis de paz.

Isto é também historicamente verdade para as democracias. Se adotarmos definições menos rígidas de democracia, assumindo que tratamos apenas da limitação de Poder através da participação das classes médias e baixas na determinação dos detentores de poder e da definição de políticas, então houve muitas democracias ao longo da História. E, quer se considere as gregas clássicas, as florestais da Suíça medieval ou as modernas, não lutaram nem lutam entre si (dependendo de como a guerra e a democracia são definidas, alguns podem preferir dizer que *raramente* lutaram ou lutam entre si).¹⁵ Mais ainda, assim que Estados que foram inimigos mortais, que frequentemente se envolviam em guerras (como a França e a Alemanha nos últimos séculos), se tornaram democráticos, a guerra cessou entre eles.¹⁶ Paradigmático disto é a Europa ocidental desde

1945. Caldeirão das nossas mais desastrosas guerras durante muitos séculos, não se encontraria um especialista, em 1945, tão audacioso que previsse não apenas 45 anos de paz, mas também que, ao fim desse período, existiria uma comunidade europeia com instituições governamentais centralizadas, movendo-se no sentido de uma força militar europeia unida pela França e a Alemanha, com zero expectativa de ocorrer violência entre estes antigos Estados hostis. Contudo, isso aconteceu. Tudo porque todos são democracias.¹⁷

Mesmo que tudo o que se possa dizer sobre o Poder absoluto e arbitrário fosse que provoca a guerra e o conseqüente massacre dos jovens e mais capazes da nossa espécie, isto seria suficiente. Mas, muito pior, como os estudos de caso deste livro vão mais do que atestar, mesmo sem a desculpa do combate, o Poder também massacra a sangue-frio as pessoas indefesas que controla – de facto, *várias vezes mais*. Considere-se a tabela 1.2 e o gráfico 1.1, com a lista dos *mega-assassinos* no século xx: os Estados que mataram a sangue-frio, fora da guerra, um milhão ou mais de homens, mulheres e crianças. Estes 15 mega-assassinos exterminaram mais de 151 milhões de pessoas, cerca de quatro vezes os quase 38,500 milhões de mortos de todas as guerras internacionais e civis do século xx até 1987.¹⁸ Os Poderes mais absolutos – nomeadamente, a URSS comunista, a China, e os antigos guerrilheiros de Mao; os Khmers Vermelhos cambojanos, o Vietname, a Jugoslávia e a fascista Alemanha nazi – são responsáveis por quase 128 milhões de mortos, ou 84%.

A tabela 1.2 também mostra a taxa anual de democídio (a percentagem da sua população que um regime mata por ano) para cada mega-assassino. A tabela 1.1 sobrepõe graficamente o total destes dados no total de assassínios. Mega-assassinos em massa, como a União Soviética e a China comunista, controlavam populações enormes, resultando numa taxa anual pequena de democídio. Os mega-assassinos mais pequenos apresentavam maior letalidade para as suas próprias populações.

A tabela 1.3 lista os 15 regimes mais letais, e o gráfico 1.2 apresenta-os num gráfico de barras. Como se pode ver, nenhum outro mega-assassino se aproxima sequer da letalidade dos Khmers Vermelhos comunistas no Camboja durante o seu regime, de 1975 a 1978. Como será descrito no capítulo 9, em menos de quatro anos de governo, exterminaram mais de 31% dos seus homens, mulheres e crianças. A probabilidade de qualquer cambojano sobreviver a estes quatro longos anos foi de apenas 2,2 para 1.

TABELA 1.2
Democídio no século xx

| Regime | Democídio (000) ^a | | | Taxa anual (%) ^b | |
|--|------------------------------|---------|---------------------|-----------------------------|-------------------|
| | Anos | Total | Doméstico Genocídio | | |
| Mega-assassinos | 1900–87 | 151 491 | 116 380 | 33 476 | 0,92 ^d |
| Decamega-assassinos | 1900–87 | 128 168 | 100 842 | 26 690 | 0,18 ^d |
| URSS | 1917–87 | 61 911 | 54 769 | 10 000 | 0,42 |
| China (PRC) | 1949–87 | 35 236 | 35 236 | 375 | 0,12 |
| Alemanha | 1933–45 | 20 946 | 762 | 16 315 | 0,09 |
| China (KMT) | 1928–49 | 10 075 | 10 075 | – | 0,07 ^e |
| Mega-assassinos menores | 1900–87 | 19 178 | 12 237 | 6184 | 1,63 ^d |
| Japão | 1936–45 | 5964 | – | – | – |
| China (soviéticos de Mao) ^f | 1923–49 | 3466 | 3466 | – | 0,05 |
| Camboja | 1975–79 | 2035 | 2000 | 541 | 8,16 |
| Turquia | 1909–18 | 1883 | 1752 | 1883 | 0,96 |
| Vietname | 1945–87 | 1678 | 944 | – | 0,10 |
| Polónia | 1945–48 | 1585 | 1585 | 1585 | 1,99 |
| Paquistão | 1958–87 | 1503 | 1503 | 1500 | 0,06 |
| Jugoslávia (Tito) | 1944–87 | 1072 | 987 | 675 | 0,12 |
| Mega-assassinos sob suspeita | 1900–87 | 4145 | 3301 | 602 | 0,24 ^d |
| Coreia do Norte | 1948–87 | 1663 | 1293 | – | 0,25 |
| México | 1900–20 | 1417 | 1417 | 100 | 0,45 |
| Rússia | 1900–17 | 1066 | 591 | 502 | 0,02 |
| Cento-quiloassassinos | 1900–87 | 14 918 | 10 812 | 4071 | 0,26 |
| Top 5 | 1900–87 | 4074 | 2192 | 1078 | 0,89 |
| China (senhores da guerra) | 1917–49 | 910 | 910 | – | 0,02 |
| Turquia (Atatürk) | 1919–23 | 878 | 703 | 878 | 2,64 |
| Reino Unido | 1900–87 | 816 | – | – | – |
| Portugal (ditadura) | 1926–82 | 741 | – | – | – |
| Indonésia | 1965–87 | 729 | 579 | 200 | 0,02 |
| Assassinos menores | 1900–87 | 2792 | 2355 | 1019 | 0,13 ^d |
| TOTAL MUNDIAL | 1900–87 | 169 202 | 129 547 | 38 566 | 0,09 ^f |

^a Inclui genocídio, politicídio e assassinio em massa; exclui mortos de guerra. São as estimativas medianas mais prováveis entre as maiores e as menores. Os números podem não dar a soma total devido ao arredondamento.

^b Percentagem anual da população assassinada em democídio pelo regime.

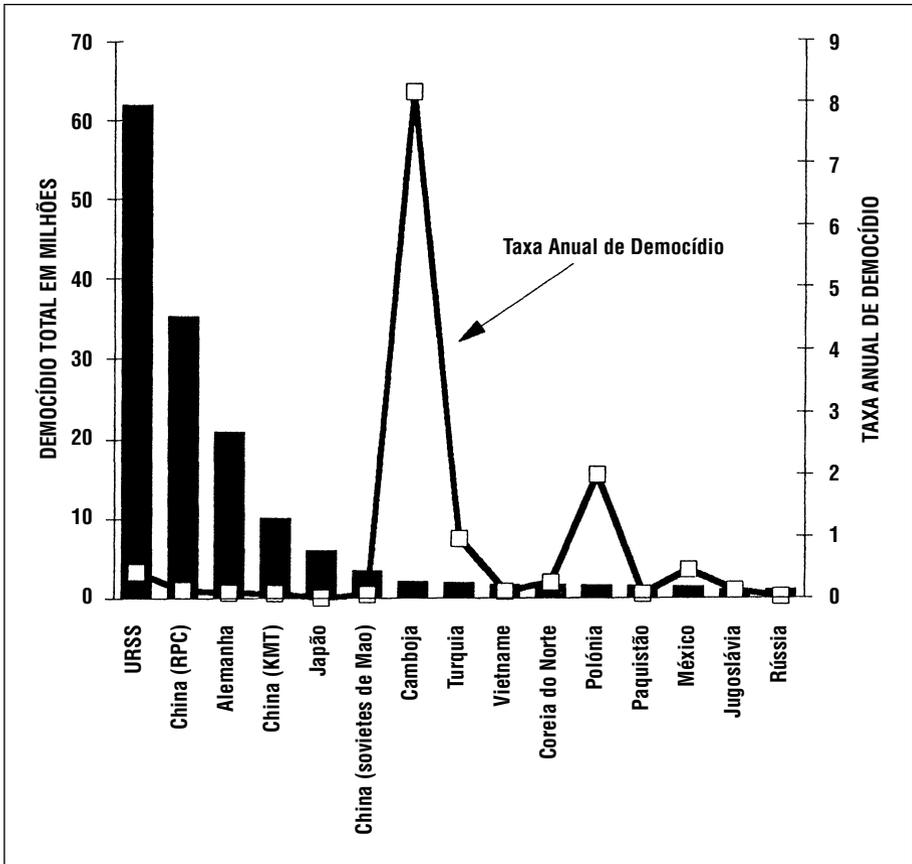
^c Período de guerrilha

^d Média

^e A taxa é a média dos três períodos sucessivos.

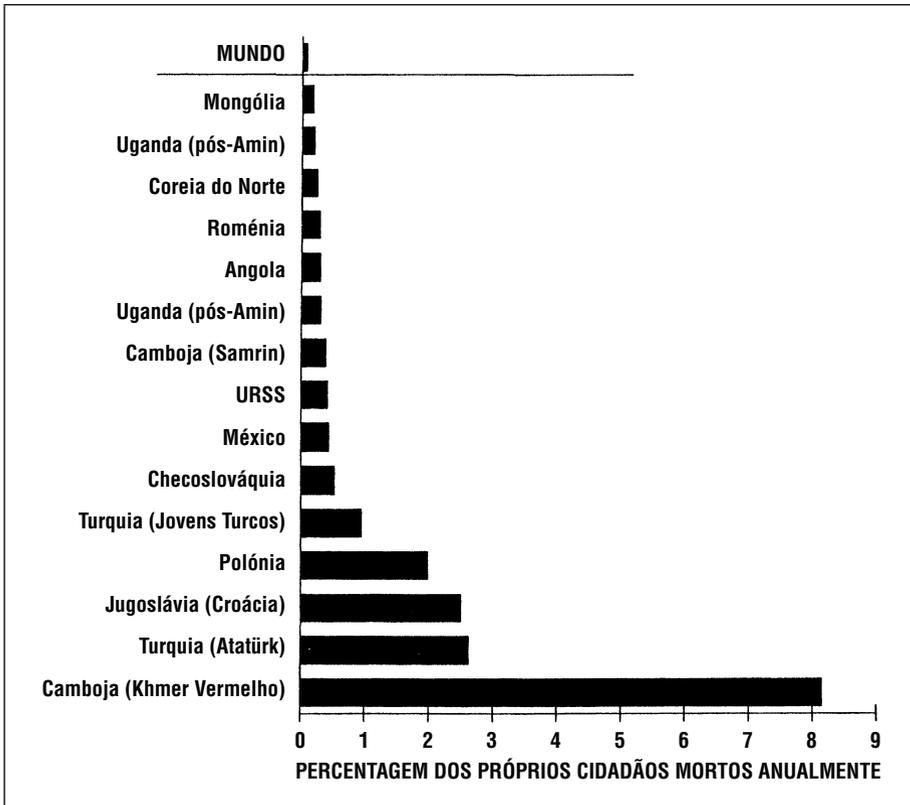
^f A taxa anual mundial é calculada de acordo com a população global em 1944.

GRÁFICO 1.1
 Mega-assassinos e taxas anuais de democídio
 (Da tabela 1.2)



Depois há os quiloassassinos, ou seja, os Estados que mataram inocentes às dezenas ou centenas de milhares, tais como os cinco primeiros listados na tabela 1.2: os senhores da guerra da China (1917–49), a Turquia de Atatürk (1919–23), o Reino Unido (principalmente devido ao bloqueio alimentar de 1914–19 das Potências Centrais durante e após a I Guerra Mundial, e os bombardeamentos indiscriminados de cidades alemãs de 1940–45), Portugal (1926–82) e a Indonésia (1965–87). Alguns dos quiloassassinos menos importantes foram o Afeganistão comunista, a Angola, a Albânia, a Roménia e a Etiópia, assim como a autoritária Hungria, o Burundi, a Croácia (1941–44), a Checoslováquia (1945–46), a Indonésia, o Iraque, a Rússia e o Uganda. Pelo bombardeamento

GRÁFICO 1.2
Letalidade democrática



indiscriminado de civis alemães e japoneses, os Estados Unidos devem também ser acrescentados a esta lista (ver as minhas Estatísticas da Democracia). Estes e outros quiloassassinos acrescentam quase 15 milhões de pessoas mortas ao democídio do século xx, como se pode ver na tabela 1.2.

Claro que dizer que um Estado ou regime é um assassino é uma personificação conveniente de uma abstração. Os regimes são, na realidade, pessoas com o poder de comandar toda a sociedade. Foram estas pessoas que cometeram os quilo e mega-assassínios do século xx, e não devemos esconder a sua identidade sob a abstração de «Estado», «regime», «governo» ou «comunista». A tabela 1.4 enumera os homens mais notória e singularmente responsáveis pelos mega-assassínios deste século.

TABELA 1.3
Os 15 regimes mais letais

| Regime ^a | Regime | | | Taxa anual (%) ^b | Democídio doméstico (000) | População a meados do período (000) |
|--|---------|--------------------|------|-----------------------------|---------------------------|-------------------------------------|
| | Anos | Duração (anos) | Tipo | | | |
| Camboja (Khmers Vermelhos) | 1975-79 | 3,83 | C | 8,16 | 2000 | 6399 |
| Turquia (Atatürk) | 1919-23 | 4,08 | A | 2,64 | 703 | 6500 |
| Jugoslávia (Croácia) | 1941-45 | 4,17 | A | 2,51 | 655 | 625 |
| Polónia (pós-II Guerra Mundial) | 1945-48 | 3,33 | A | 1,99 | 1585 | 23 930 |
| Turquia (Jovens Turcos) | 1909-18 | 9,17 | A | 0,96 | 1752 | 20 000 |
| Checoslováquia (pós-II Guerra Mundial) | 1945-48 | 2,83 | A | 0,54 | 197 | 12 916 |
| México | 1900-20 | 21,00 | A | 0,45 | 1417 | 15 000 |
| URSS | 1917-87 | 71,00 | C | 0,42 | 54 769 | 184 750 |
| Camboja (Samrin) | 1979-87 | 8,92 | C | 0,40 | 230 | 6478 |
| Uganda (Amin) | 1971-79 | 8,33 | A | 0,31 | 300 | 11 550 |
| Angola | 1975-87 | 12,17 | C | 0,30 | 125 | 3400 |
| Roménia (Carol/Michael) | 1938-48 | 10,08 | A | 0,29 | 484 | 16 271 |
| Coreia do Norte | 1948-87 | 39,33 | C | 0,25 | 1293 | 13 140 |
| Uganda (pós-Amin) | 1979-87 | 8,75 | A | 0,20 | 255 | 14 300 |
| Mongólia | 1926-87 | 61,17 | C | 0,19 | 100 | 873 |
| MUNDO | 1900-87 | 17,46 ^c | | 0,24 ^c | 129 909 ^d | 2 325 000 ^e |

Chave: A = autoritário; C = comunista

^a Regimes com mais de um ano e uma população maior de 750 mil.

^b Percentagem anual de cidadãos mortos por democídio pelo regime.

^c Média

^d Total

^e Para 1944.

Estaline, de longe, encabeça a lista. Ordenou a morte de milhões de pessoas, pondo conscientemente em ação um conjunto de acontecimentos que levaram à morte de milhões de outras, e, como ditador supremo, foi responsável pela morte de ainda mais alguns milhões pela mão do seu capanga. Pode ser uma surpresa encontrar Mao Tsé-Tung na linha seguinte como o maior assassino do século xx, mas isso é apenas porque a extensão total da matança comunista na China, sob a sua chefia, não tem sido amplamente conhecida no Ocidente. Hitler e Pol Pot estão naturalmente entre estes tiranos sangrentos. Quanto aos outros, cujos nomes podem parecer estranhos, os seus mega-assassínios são descritos em pormenor nos capítulos relevantes. A monstruosa sangria destes nove homens deve ser inscrita num Salão de Infâmia. Os seus nomes devem avisar-nos para sempre do potencial mortífero do Poder.